



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**LILIANE BATISTA DA SILVA**

**TEATRO DO OPRIMIDO: Minha Formação como Educadora e Artista**

**BELÉM/PA  
2025**

LILIANE BATISTA DA SILVA

**TEATRO DO OPRIMIDO: Minha Formação como Educadora e Artista**

Memorial de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Alana Clemente Lima

BELÉM/PA  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

S586t      Silva, Liliane Batista da  
Teatro do Oprimido: minha formação como educadora e artista /  
Liliane Batista da Silva. 2025.  
42 f.  
  
Orientadora: Profª Ma. Alana Clemente Lima.  
  
Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de  
Licenciatura em Teatro, Belém, 2025.  
  
1. Teatro do Oprimido. 2. Professores de arte – Formação  
profissional. 3. Professores – Formação profissional. 4. Artistas –  
Formação profissional. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.01

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**

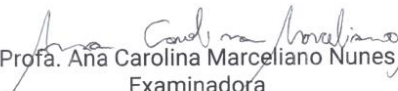
### ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e cinco, às vinte horas, reuniu-se na Sala de Prática da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelas docentes: Profa. Ma. Alana Clemente Lima (Orientadora e Presidente), Profa. Ana Carolina Marceliano Nunes (Examinadora) e Profa. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, da graduanda LILIANE BATISTA DA SILVA, matrícula 201911240018, intitulado: "Teatro do oprimido: minha formação como educadora e artista".

O trabalho foi apresentado com conceito E (Excelente), com as seguintes observações recomendação para publicação e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 29 de agosto de 2025.

  
Profa. Ma. Alana Clemente Lima  
Orientadora e Presidente

  
Profa. Ana Carolina Marceliano Nunes  
Examinadora

  
Profa. Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos  
Examinadora

A minha mãe, que moveu a montanha para me  
ajudar a realizar o meu desejo.

## AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos acaba se tornando grande, pois nada nessa vida nos fazemos a sós, tudo é construído com o apoio de muitas mãos.

Sou eternamente grata a minha mãe, Raimunda Fortunata da Silva, que nunca mediu esforços para me ajudar a construir o meu caminho, que sempre vai ser meu bem mais precioso.

Agradeço aos Guias que me acompanham, os protetores e todas as Mães que estão por mim. Obrigada por não me abandonarem, finalmente encontrei Vocês e sou grata por abrirem meus caminhos e me permitir adentrar lugares que foram abençoados por Vocês.

Agradeço a minha orientadora Alana, que me mostrou a luz em um momento que eu desacreditei, que me abraçou e me consolou. Minha admiração enquanto profissional e de longa data, grata por podemos encerrar esse ciclo juntas.

Agradeço ao programa Prosseguir, que me oportunizou conhecer pessoas e lugares, que me ajudou a me formar enquanto profissional, me ajudou a reconhecer a potência enquanto mulher negra vivendo em sociedade.

Sou grata a uma penca de amigos que conheci por esse caminho, morar em outra cidade te oportuna muitas coisas, conhecer cada um de vocês teve um papel muito importante. Grata a todos, que dividiriam comigo, o palco, a cóstia e a vida.

AXÉ

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo contar minha trajetória desde quando me encontro com o teatro, o meu encontro com o método do Teatro do Oprimido do Augusto Boal e sua relevância para a minha formação enquanto educadora-artista. Esse caminho começa em 2015 e me

Este trabalho de conclusão de curso é um convite para percorrer as minhas memórias-raízes, costuradas pela trajetória no Teatro e pela descoberta de uma prática educativa crítica e libertadora. A partir da minha vivência como mulher negra, artista, educadora eicineira, relato como o Teatro do Oprimido – especialmente as técnicas do Teatro Imagem, Teatro Fórum e Teatro Invisível – se tornou solo fértil para meu crescimento pessoal e político, e como a escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo, é a metodologia que sustenta minha escrita. Reflito sobre os caminhos que percorri desde minha iniciação no teatro em 2015 até o aprofundamento das oficinas com práticas antirracistas e educativas, em especial nos contextos escolares e no ENEARTE 2023. Dialogando com Paulo Freire e Augusto Boal, apresento experiências em que o teatro foi ferramenta de escuta, diálogo, acolhimento e transformação social. Esta pesquisa se faz corpo, prática e memória, e reafirma a potência da arte como caminho de resistência e esperança.

**Palavras-chave:** Teatro do Oprimido; educação crítica e libertadora; trajetória e educadora-artista.

## **ABSTRACT**

This work aims to narrate my trajectory since my first encounter with theater, especially through the method of the Theatre of the Oppressed developed by Augusto Boal, and its relevance to my formation as an educator-artist. Beginning in 2015, this path unfolds as a journey through my memory-roots, woven by the discovery of a critical and liberating educational practice. From my perspective as a Black woman, artist, educator, and workshop facilitator, I share how the Theatre of the Oppressed – particularly the Image Theater, Forum Theater, and Invisible Theater techniques – became fertile ground for my personal and political growth. The concept of *escrevivência*, created by Conceição Evaristo, sustains the methodology of my writing. I reflect on the paths I have taken from my initiation in theater in 2015 to the deepening of workshops with anti-racist and educational practices, especially in school contexts and at ENEARTE 2023. In dialogue with Paulo Freire and Augusto Boal, I present experiences in which theater served as a tool for listening, dialogue, welcoming, and social transformation. This research is built as body, practice, and memory, reaffirming the power of art as a path of resistance and hope.

**Keywords:** Theatre of the Oppressed; critical and liberating education; trajectory and educator-artist

## OS ENCONTROS COM O TEATRO

Sejam todos bem-vindos às minhas memórias-raízes, memórias essas que acabam se tornando o solo, o adubo, o plantio e o surgimento de uma árvore e o seu fruto, de muitos e muitos que virão. Eu sou a Liliane, mas esse nome é mais para formalidades e coisas sérias (não que isso não seja, mas quero levar esse momento na leveza, para não se tornar um fardo). Gosto mesmo é de Lilly, que me permite ser eu, mais alegre e com vontade de viver.

Essa minha escrita está voltada à minha história, aos caminhos que percorri até aqui e em como as minhas vivências, ponto a ponto, foram sendo suporte – ou, nesse caso, o adubo – necessário para que eu continuasse seguindo.

Sempre tive muito medo desse momento, a escrita do TCC, pois sempre pensei: “eu não tenho a escrita acadêmica”. Isso sempre me paralisou. Mas eu descobri que minha escrita é acadêmica, ela só não é quadrada, rígida, limitada a uma formalidade. E se eu não sou desse modo, como ela poderia ser?

Nenhuma história se faz sozinha, e tive alguns bons amigos e amigas nessa construção. Uma dessas minhas amigas é a Conceição Evaristo, que nos deu a preciosidade da escrevivência – vamos conversar mais à frente – que é falar com a nossa voz sobre nós. Pois quem mais, senão eu, vai poder falar sobre a minha história? Quem vai escrever ela?!

Em 2025 faz 10 anos que encontrei o caminho para o Teatro, mas tudo começa em 2015, após ser incentivada por um amigo que, ao me ver decorar um texto com facilidade, falou que eu deveria ir em busca de fazer teatro. O questionamento era se, na cidade em que nasci, Castanhal<sup>1</sup>, havia algum curso ou grupo, e me foi indicado um local: a antiga Casa da Cultura (atualmente chamada de Secretaria Municipal de Cultura de Castanhal), onde ocorriam encontros aos sábados. Coincidentemente, o grupo estava precisando de uma atriz para substituição e, após um teste, eu entrei para meu primeiro grupo teatral, a Cia Trem das Artes, dirigida pelo meu primeiro mestre, Roberto Marques, que infelizmente veio a falecer pelo

---

<sup>1</sup> Castanhal é um município brasileiro do estado do Pará, Região Norte do país. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2024, era de 207 603, habitantes], sendo a sexta maior cidade do Pará.

descaso com a arte na cidade poucos anos depois, mas que me deu a oportunidade que eu nem imaginava que precisava e que mudaria o percurso da minha vida.



Esse espetáculo se chamou “CLOWNS: Da nostalgia ao riso”. Então, sim, a primeira vez no palco eu estava como uma palhaça. Faço essa ênfase, pois hoje ser palhaça também é o que faço, e 10 anos atrás a semente foi plantada. Minha primeira palhaça se chamou Anamur, que era completamente apaixonada por Fanástico Osvaldo (esse,

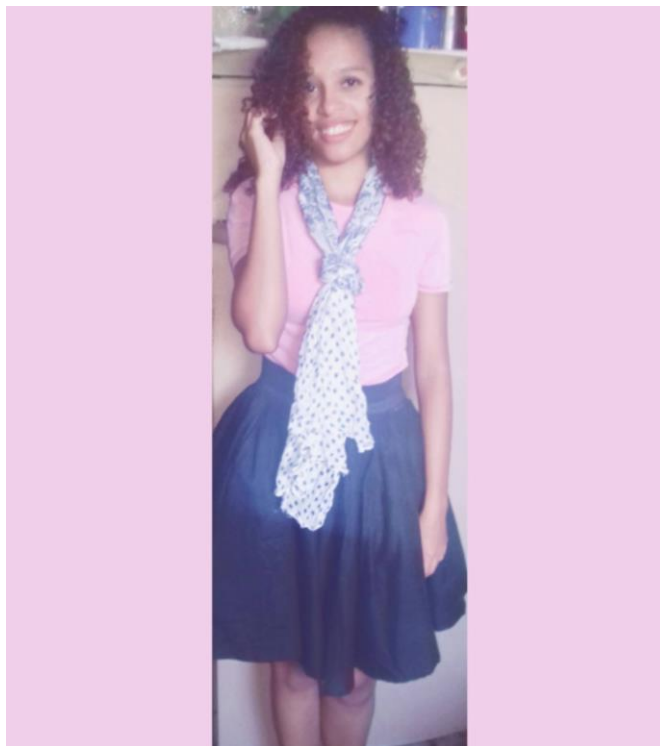
segurando a camisa do time do Vasco). Mas, numa licença poética, imagino que a Anamur, essa palhaça do amor, tenha plantado em mim esse amor pela arte.

Essa foto é logo após a nossa, e principalmente minha, estreia. O responsável e diretor é o professor Roberto Marques (o de todo preto, segurando a fita laranja). Deixo aqui meus agradecimentos ao saber desse Mestre.

### **A minha primeira escola – onde fui muito regada.**

Castanhal sempre foi uma cidade de poucos recursos; para a arte, menos ainda. Tanto que o primeiro espaço profissionalizante em Castanhal voltado para a arte foi a Escola das Artes São Lucas, uma parceria entre a Diocese de Castanhal, reconhecida e certificada legalmente pela SEDUC/PA. Nosso primeiro espaço parte da iniciativa do bispo Dom Carlos Verzeletti, que sempre acreditou que a arte é um caminho importante a ser seguido e nos oportunizou ter acesso.

A escola foi oficialmente inaugurada em 11 de março de 2017 e, desde esse momento, sempre fez parte de mim. Observei sua finalização, participei da abertura, criei laços com os professores. Essa foto é um momento simbólico: estou me arrumando para fazer o teste prático para o curso técnico. Inclusive, essa saia da foto eu usei no espetáculo “CLOWNS: Da nostalgia ao riso” e, vez ou outra, ela fez participação durante o curso.



Três grandes professores fizeram essa escola e a mim: Patrícia Grigoletto, prof. Josi e prof. Hildomar. Eles foram a tríade que levou a escola nas costas. Um destaque aqui para a maravilhosa Grigoletto: foi em uma das disciplinas ministradas por ela que tive o primeiro contato com a técnica do Teatro do Oprimido e suas ramificações, como o Teatro Invisível, Teatro Fórum e Teatro Imagem. Foi nesse lugar que minha paixão se estabeleceu pela ideia e pelas possibilidades que o Teatro do Oprimido oferece. Trago para esse momento algumas citações que nos elucidam sobre essas técnicas reunidas por Boal. Boal (2009, p. 16) diz: “O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras.” Esse trecho mostra que precisamos, primeiro, buscar a nossa transformação, para depois nos unirmos no coletivo, saindo do indivíduo para o conjunto. Continuando nesse enxerto que me deu sustância para a escrita deste trabalho, Boal (2009, p. 15) destaca: “No Teatro Imagem, dispensamos o uso da palavra – a qual, no entanto, reverenciamos! – para que possamos desenvolver outras formas perceptivas. Usamos o corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores, que nos obrigam a ampliar nossa visão sinalética<sup>2</sup>.” Aqui, Boal coloca como destaque o

---

<sup>2</sup> Conjunto dos signos ou sinais que compõem um sistema de sinalização ou de comunicação visual

corpo e a capacidade de usar outros elementos para além da palavra. Não que ela não seja importante, mas, nesse momento, outras formas de expressão precisam tomar a frente.

Em terceiro, mas não menos importante, Boal nos conta:

O Teatro Fórum [...] usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores [...] são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente, e não apenas usando as palavras, revelam seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo ao qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas. (Boal, 2009, p 16)

O Teatro Fórum é como um *mix* das técnicas de Augusto Boal, pois nele é possível utilizar mais de uma no momento da experimentação. As pessoas não estão apenas assistindo, podem intervir e alterar a cena.

O teatro me salvou em 2015. Mudou meu rumo e deu perspectiva de vida a alguém que não se via fazendo qualquer tipo de faculdade, cuja maior ambição era ser secretária ou recepcionista de algum espaço (não quero desmerecer essa profissão, mas apenas não enxergava outras possibilidades ou algo que me faria feliz). Quando encontrei essa técnica e percebi que poderia ajudar outras pessoas, assim como fui ajudada, entendi que esse era o caminho que eu queria trilhar. Boal fala em seu livro: “Fazer Teatro do Oprimido já é o resultado de uma escolha ética, já significa tomar o partido dos oprimidos.” (BOAL, 2019, p. 21). Esse trecho conversa comigo, com o que acredito sobre o teatro e o que ele é para mim. Foi a partir dele que fui capaz de sonhar e almejar novos caminhos. Trabalhar com o que acredito e busco: dar armas aos oprimidos sem transformá-los em novos opressores.

Dessa forma, passei a pesquisar mais sobre as técnicas de Boal e, durante o curso técnico em ator pela Escola das Artes São Lucas, tive a oportunidade de ministrar minha primeira oficina e escrever meu TCC voltados ao Teatro do Oprimido. Os livros que me acompanharam naquele momento foram “200 exercícios e jogos para o ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro” e “Arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia”. A cada momento, conhecendo um pouco mais sobre essas técnicas, eu me sentia estimulada a aprofundar e buscar novas formas de aplicação.

## A primeira oficina – A germinação



Foto: Hildomar Oliveira

A turma toda reunida para fazermos nossa divulgação da nossa primeira apresentação e foi no curso técnico em ator na São Lucas, onde vim a conhecer um pouco das técnicas de Boal. E o que me fez buscar a Licenciatura em Teatro foi ministrar uma oficina no final do curso técnico a partir dos jogos de Augusto Boal. Como já relatei acima, nunca tive muita perspectiva do que “ser na vida”. Me encontro no teatro, mas o cenário não tinha mudado: nenhum curso na cidade de Castanhal era a minha busca. Quando chegou o período do estágio, precisávamos fazer um plano de ensino e ministrar uma oficina de quase três meses e, como em qualquer oportunidade dentro do curso, buscava trabalhar os jogos do Boal. Então, esse estágio era a ocasião perfeita para conseguir experienciar numa etapa maior de tempo os jogos e claramente foi mais uma confirmação do caminho que deveria seguir.

Dentro dessa experiência, foi pela primeira vez que me vi como educadora – diferentemente do que entendo como professora, que está atrelado aos modos tradicionais de ensino – mas sobre isso falaremos mais à frente. A docência já vinha de berço na minha família: minha tia tinha uma escola, minha irmã desde muito cedo também já dava aula e, mais à frente, se formou em pedagogia. Então, podia observar as dificuldades e não buscava essa realidade para mim: lidar com grandes números de alunos, não ser bem paga, ter muito trabalho sempre. Mas percebo que, quando estou com os meus alunos, quando estou com o teatro, me vejo correr, dessa vez, para perto da docência. É assim que decido pela Licenciatura em Teatro.

Em 2019, entro no curso sabendo que, ao final, seria professora. Claro que não deixamos o lado artístico parado, visto que ainda é um curso de artes. É na Escola de Teatro e Dança da UFPA que novas possibilidades se abrem, onde conheço pessoas, faço amizades, crio a minha



independência e me percebo mais responsável. A Lilly que está nessa foto não imaginava o quanto sua vida ia mudar e nem como iria enfrentar uma vida em outra cidade, mas com certeza ficou bem

empolgada com a recepção e saiu apavorada ao descobrir que teria menos de dois meses para achar um lugar para morar.

A minha permanência no curso sempre foi uma grande luta, primeiramente porque não esperava passar no curso, então não contei para a minha família que tinha me inscrito. A mudança foi às pressas.

Existem alguns momentos marcantes nessa trajetória, que, após passarmos, o pensamento que fica é: “como conseguimos aguentar?”, mas não havia outra forma a não ser aguentar. A minha mãe sempre foi meu suporte; imagine que ela foi/é aquele pedaço de madeira que colocamos para a planta ter forças para subir. No começo desse novo capítulo, ela foi o suporte que me sustentou financeiramente. Esse é o primeiro momento marcante dentro do

curso: no primeiro mês da faculdade, ela foi me dar o dinheiro para passar o mês, e o dinheiro que ficou para ela foi 150 reais para alimentação. Como eu poderia fazer isso com ela? O sonho era meu, e, por mais que ela quisesse me ajudar a realizá-lo, eu sentia que não podia fazer isso com ela. Nesse período eu recorria



a qualquer opção para conseguir sobreviver em Belém, foi quando decidi vender empada para conseguir pagar passagem e me alimentar. Essa placa foi feita por uma das alunas da minha turma e minha amiga, obrigada Camila, pela placa, você não sabia, mas ela foi um símbolo muito forte para mim, guardei com muito carinho.

Nesse primeiro mês, estava de favor na casa da avó de um amigo, que morava no Icuí, uma distância longa, mas não tão longa quanto ir e voltar de Castanhal todo dia. Acabou virando a minha realidade por três meses, até conseguir um emprego na minha cidade natal.

Foi um período muito cansativo: dormia pouco, me alimentava mal, mas agora o dinheiro não vinha mais da minha mãe. Não que ela em algum momento tenha me cobrado algo, mas sustentar duas casas – a dela e a minha – com mil reais é impossível. Lembra que disse que meu sonho era trabalhar como secretária? Foi o que consegui, e por três meses existia um bate-volta entre Castanhal e Belém: levantava-me antes das 06:00, ia dormir passando da uma da manhã, chegava atrasada nas aulas, tinha que sair mais cedo para não perder o último ônibus e repetia isso de segunda a sexta. Talvez esse momento não esteja ligado diretamente ao Teatro do Oprimido, mas ainda faz parte da minha trajetória, e nesse período consegui a compreensão dos educadores, que me acolheram e entenderam a minha realidade. Se a inflexibilidade de alguns professores tivesse aparecido nesse momento, talvez não conseguisse aguentar essa jornada, mas no fim, tudo ocorreu bem e me mostrou, na prática, que o ensino não é linear e existem diversas realidades que precisam ser levadas em consideração.

Vamos seguir pelas minhas memórias-raízes, acompanhando o crescimento dessa semente de amor pelo teatro. Vamos ver como o Teatro do Oprimido e sua relação com a educação se mostraram ser o fertilizante que me trouxe até aqui. Nesse caminhar, faço uma relação de “ser professora” e “ser educadora” a partir da minha vivência, como ela se cruza e como esses meus amigos ajudam a me nutrir. Pelo decorrer desse caminho, consigo ter o auto reconhecimento e perceber como o T.O veio a me moldar. Na continuação desse regar, a Árvore da Esperança – que são esses galhos e frutos que se criaram – mostra como minhas práticas em cada período foram necessárias para a geração desses frutos após todo um ciclo de plantação.

### **TEATRO DO OPRIMIDO E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO**

Em 2018, quando ministrei uma oficina pela primeira vez, algo dentro de mim despertou. Ali nasceu um amor, e junto dele uma esperança. Mas, naquele momento, o que mais me tocava não era exatamente a docência, e sim a sensação de ter encontrado um lugar possível, um caminho. Era como se eu tivesse achado uma profissão, mas também muito mais que isso – um espaço onde eu podia existir inteira, com meus ideais.

Retomando um pouco a conversa sobre o que acredito ser uma professora e uma educadora – e não quero colocar uma em detrimento da outra, pois acredito que espaço, experiência e outros fatores podem nos colocar nesses lugares – vejo que a professora está inserida muito nos meios tradicionais de ensino, centrada em passar o conteúdo e unicamente no saber do professor. Com o meu olhar de hoje, consigo perceber que sempre fui uma educadora, mas lá em 2018, enquanto aplicava a oficina, me via como professora.

Nesse momento, encontro uma certa dificuldade: contar algo que me ocorreu anos atrás com um olhar de anos mais vividos. Quer dizer, eu me olhava como professora, como profissional, mas o meu olhar sobre a forma de dar aula, me relacionar com os alunos, nunca foi uma régua tradicional ou hierárquica; estava mais voltado a ser facilitadora, mediadora e colaboradora da vivência que acontecia naquele momento. Se fosse apenas transmissão de conteúdo, seria só uma oficina, apenas uma carga horária a cumprir. Na realidade, aquele momento foi o germinar de uma grande e forte árvore.

Estou falando tanto sobre ser educadora, mas o que realmente é ser educadora? Como ser uma educadora com o Teatro do Oprimido? É educar para libertar, uma educação crítica,

democrática e emancipadora, e acreditar que isso é possível. Vamos ver o que alguns dos meus amigos têm a contribuir sobre isso. Como afirma Rubem Alves (1980, p. 11): “Professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. O educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.” Em relação a essa citação, reconheço pontos com os quais me identifico, mas também algumas discordâncias surgem a partir da minha própria vivência.

Ser educadora, para mim, não é algo fixo, uma meta a ser batida; não é a partir de um certificado ou diploma. É um processo que se constrói dia após dia, atravessado pelo percurso da licenciatura, pelos acertos, pelas falhas, pelas dores e alegrias do caminho. Por muito tempo, acreditei que existia um momento em que eu havia deixado de ser apenas professora e me tornado educadora. Mas com o tempo, percebi que, na verdade, sempre fui educadora; só o reconhecimento disso por mim mesma só aconteceu em 2023, num evento acadêmico organizado por estudantes, o ENEARTE – Encontro Nacional de Estudantes das Artes.

Essa percepção ocorre enquanto estou na oficina, conduzindo aquele momento; é como se passasse um filme de tudo que já havia absorvido de conhecimento, e naquele momento estivesse fazendo algo meu, uma criação minha. Não que eu estivesse criando a roda, mas na verdade, como escolhi pintá-la. Os anos de estudos, as oficinas ministradas, todo o aprendizado se tornou válido quando me vi fazendo. Quando deixo de lado o jogo pronto e insiro uma brincadeira com o jogo de imagem do Boal, junto a brincadeira para debater problemáticas sociais, vejo isso dar certo: o jogo funciona, a proposta acontece de fato, e ver algo que tanto imaginei se concretizando, tomando forma, é uma validação necessária para meu reconhecimento.

Nesse processo, ministrar oficinas foi fundamental. Aprendi que educar não é impor, mas escutar, perguntar, acolher e provocar o pensamento. Não existe um passo a passo ou fórmula mágica. Existe estudo, dedicação e a coragem de olhar para as próprias falhas e aprender com elas, porque mesmo quando se busca uma educação que liberte e combata opressões, não estamos imunes a errar ou a reproduzir o que queremos combater. O mais importante é reconhecer, se responsabilizar e continuar tentando fazer diferente. Quando falo sobre ser educadora, falo a partir da educação libertadora, e, nesse sentido, trago para a conversa o patrono da educação brasileira e meu amigo Paulo Freire, que nos lembra: “A conscientização

não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.” (FREIRE, 1979, p. 15). Essa fala traduz o que acontecia mesmo antes de eu entender com clareza. Quando estou ali, facilitando uma oficina, ajustando algo que não deu certo ou repensando uma postura que tive, tudo isso faz parte da práxis. É nesse ir e vir entre fazer e pensar, entre agir e refletir, que sinto que realmente estou educando e, ao mesmo tempo, me formando como educadora.

A educação libertadora não é uma receita pronta. É um caminho cheio de perguntas, tropeços e encontros potentes. Não dá para educar de verdade sem se comprometer, sem estar presente de corpo inteiro. E não dá para estar presente sem estar disposta a mudar, rever, aprender, inclusive com os próprios erros. Às vezes, acreditamos que ser educadora é algo que se conquista de uma vez por todas, como um título, mas entendo cada vez mais que é um processo vivo, que acontece nas escolhas do dia a dia, no jeito como escutamos, acolhemos e provocamos. Como Freire diz, é nesse movimento que também transformamos o mundo, começando pelo nosso pedacinho dele.

De forma já exposta aqui, meu trabalho de conclusão de curso no técnico em ator, lá no final de 2018, foi sobre Boal, principalmente sobre o livro “Arco-íris do desejo: método Boal de Teatro e terapia”. Nesse período, eu estava ainda mais focada em relacionar teatro com terapia, como interligar as duas coisas – hoje consigo perceber que minha busca para ajudar as pessoas com o teatro se deu porque o teatro também foi a minha salvação, era um caminho para me ajudar e ajudar, na medida do possível, outras pessoas. Sempre foi terapêutico para mim.

Boal (2019) fala em seu livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” sobre os artistas que dedicam a sua arte à vida. É essa sensação que o T.O me permite viver continuamente, visto que não existe desvinculação entre a sala de aula e a sociedade. Desse modo, não posso trabalhar com os oprimidos, falando das opressões em um espaço “controlável”, e fora desse local, minha relação com a sociedade ser totalmente diferente, tornando-me opressora ou passiva em meio às opressões presenciadas. Claro que aqui não digo que devemos intervir numa briga, mas de que maneiras podemos achar soluções para conflitos sem nos tornarmos apenas novos opressores?

Paulo Freire (2023, p. 32) diz: “A conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita fanatismos e o inscreve na busca da afirmação.” A conscientização permite que as pessoas se tornem mais reflexivas e abertas a múltiplas perspectivas. Ao se referir a “inserir-se no processo histórico, como sujeito”, Freire destaca a importância de o indivíduo entender que é parte ativa da história e da sociedade. O processo de conscientização faz com que a pessoa reconheça seu papel como sujeito histórico, ou seja, alguém que não é apenas um espectador da história, mas um agente capaz de agir e transformar a realidade.

### **ESPERANÇA EM PAULO FREIRE**

Nessa minha trajetória, fui muito bem regada e percebo que consegui ser adubo em algumas plantações por aí, mas isso só foi possível pois tive pessoas que me regaram e me nutriram, mesmo quando ainda era apenas um broto.

Me recordo que foi em uma das disciplinas ministradas pela professora Patrícia Grigoletto, lá no curso técnico, que já citei acima, onde ela nos apresentou o que era o Teatro do Oprimido. Após algumas aulas sobre as técnicas do Augusto Boal, escolhemos a técnica do Teatro do Invisível, que, segundo Boal: “consiste na representação de uma cena em um ambiente que não seja o teatro, e diante de pessoas que não sejam espectadores” (BOAL, 2019, p. 157). Todas as técnicas do Teatro do Oprimido são políticas, pois, para Boal (2019), todo o teatro é político, visto que a política e o teatro são feitos pelo homem, e esta não seria diferente, trazendo debates sobre questões sociais.

Nossa turma escolheu a temática etarismo, pois uma das alunas, a Dona Ave, já era uma pessoa da terceira idade. Devido a alguns comentários dentro do espaço, resolvemos levar essa problemática para fora das paredes da sala. Dois grupos foram divididos: o primeiro começou a comentar falas como “que aquele lugar não deveria ser um espaço que a Dona Ave deveria estar”, “que ela já tinha passado da idade e estava apenas atrasando o resto da turma”, “que ela não conseguia acompanhar os exercícios e as aulas”. O outro grupo tinha a missão de defender a Dona Ave e todas as outras pessoas que passam por preconceito pela sua idade.

Foram levantados argumentos de que a escola é um lugar público, que qualquer pessoa que quiser se inscrever e passar pode e deve estar ali, e que ela tinha direito. Isso gerou comoção

no espaço, já que escolhemos o horário de intervalo para que outras pessoas escolhessem intervir ou não. A maioria apenas observou, mas tivemos pessoas que intercederam pela Dona Ave, gerando um grande burburinho que nos levou até a coordenação. A coordenação, não sabendo que era uma interpretação, queria nos levar à delegacia, porque aquilo seria um crime contra o idoso: “Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade” (BRASIL, Lei nº 10.741/2003, art. 96).

Neste momento, houve uma interrupção da professora Patrícia, que explicou o acontecido, mas para todos que presenciaram, a ideia permaneceu e gerou vários debates sobre a questão principal: o direito do idoso de conviver em sociedade, seja no esporte, lazer ou saúde. O caso ocorrido me marcou muito, porque, em decorrência disso, dessa ação, resultou uma discussão; uma problemática foi levantada e pudemos dialogar sobre ela. É o que podemos fazer com outras questões, seja racismo, intolerância religiosa ou LGBTfobia. A partir desse momento, consegui perceber que conseguimos trazer à tona discussões políticas e sociais através do teatro, que ele não serve apenas de entretenimento, mas que pode levantar novas formas de reflexão, conscientização e transformação da realidade social.

Outro momento, já relatado anteriormente, mas que gostaria de detalhar um pouco mais agora, é aquele em que ministrei minha primeira oficina. Esse momento foi marcante para mim e representa mais um galho no crescimento da minha Árvore da Esperança.

Pela manhã, encontrava-me com a turma de adolescentes que ministrava a oficina. Por três horas, experimentávamos os jogos e outras dinâmicas. Minha principal busca era criar um espaço seguro e de confiança, pois pude observar que muitos deles viviam situações de conflito. Minha própria adolescência foi conturbada – além das questões hormonais, enfrentei brigas em casa, depressão e a não aceitação da minha família por eu gostar de mulheres. Ao olhar para aqueles jovens, via reflexos da minha própria história: o pai que não aceitava o filho se relacionar com outros garotos, a mãe que expulsava o filho de casa... Diante disso, era necessário encontrar um refúgio; queria dar a eles um lugar seguro para todas as turbulências vividas.



E perceber que, nesses momentos, enquanto estamos jogando como por exemplo “Escravos de Jó” - igual podemos ver na foto -, iam-se criando vínculos, ao ponto de extrapolar a convivência para além daquela sala. E ver alguns fazerem o mesmo curso que eu um ou dois anos depois e me contando que escolheram o curso, pois eu fui uma referência.

Foi convivendo com eles todas as manhãs que compreendi o que Augusto Boal defende ao afirmar: “Devemos a todos ouvir e tentar compreender o significado de suas intervenções. [...] Trabalhar com os oprimidos é uma clara opção filosófica, política e social” (BOAL, 2019, p. 21). Inspirada por essa perspectiva, quis tornar aquele espaço um lugar de acolhimento, onde as vozes oprimidas pudessem se expressar e encontrar escuta genuína.

Minhas aulas sempre foram ajustáveis; tínhamos nosso momento de preparar a aula, mas às vezes a demanda da turma é outra, e assim se faz necessário buscar um novo caminho para a aula daquele dia ou até mesmo quando um jogo não funciona, temos que fazer adaptações ou seguir com outros. Como era minha primeira experiência, tinha insegurança de que os jogos não fossem suficientes; desse modo, sempre levava “extras”, para não correr o risco de ficar sem o que fazer. Hoje, pelas experiências adquiridas no decorrer desses anos ministrando oficinas, levo o plano de aula, mas já consigo observar quais jogos podem ser experimentados e adaptados para a turma.

As minhas oficinas/aulas de teatro são divididas em três momentos:

### 1. Alongamento/aquecimento

O alongamento prepara o corpo para a aula, podendo ser com jogos teatrais ou alongamento comum, por exemplo: esticar e contrair, movimentos circulares para as articulações. Isso faz com que o corpo comece a se ativar para o que vem a seguir. Normalmente minhas aulas têm um ritmo mais acelerado, então preciso levar um alongamento que se equipare; isso muda quando a aula é voltada para relaxamento ou momentos mais introspectivos.

### 2. Jogos/ensaios/dinâmicas

Os jogos são escolhidos a partir do que se vai trabalhar com os alunos: confiança, reflexo, agilidade, expressividade. Normalmente, em uma nova turma, os integrantes não se conhecem, e para que os jogos funcionem, principalmente jogos de confiança, é necessário criar vínculo e relação, pois assim os jogos cumprem sua missão.

### 3. **Roda de conversa**

A roda de conversa no final da aula, de 20 a 30 minutos – dependendo do tempo da oficina – é bastante necessária, pois ajuda a desenvolver o papel de escuta, tanto sobre a aula quanto sobre os alunos. Nesse momento, gosto de saber como foi a aula para eles, o que gostaram ou não, quais suas dificuldades em determinado jogo. Por vezes, suas falas começam sobre a aula e acabam falando sobre eles, pois são os corpos deles querendo se expressar, o que naquele momento é muito importante para eles e para mim. Enquanto professora, é minha responsabilidade escutar e verificar quais possíveis alterações posso fazer na próxima aula ou se o plano de aula se mantém, mas também escutar sobre eles. Sempre que possível, gosto de comentar com eles qual a finalidade do jogo, qual o objetivo, para que entendam que há um porquê para cada escolha; mesmo na brincadeira, o aprendizado acontece. Se a turma é mais tímida, gosto de utilizar jogos de desinibição; se a turma é mais alegre/bagunceira, utilizo jogos de concentração, para equilibrar. Pontuo com eles se houve êxito ou não. Ao final da oficina, seja ela de duas semanas ou três meses, fazemos uma avaliação do processo vivenciado. Essa é a estrutura básica; podem ocorrer algumas mudanças, mas a essência permanece nesse formato.

Foi na troca com eles que decidi que iria ser professora de Teatro, foi no acreditar deles, que acreditei em mim, mas não foi só eles que acreditaram. Se a professora Grigoletto foi quem me apresentou Boal, a professora Josiane Amoras, acompanhou o meu estágio de perto, e viu na prática o quanto eu estava dedicada.

Deixo aqui a avaliação dela ao final do meu estágio e que me fez acreditar no resultado quando descobri que tinha passado na Licenciatura em Teatro.

de seu estágio. Para tanto, a empresa seguirá o proposto em questão. Para a conclusão com êxito das atividades de Estágio referente ao curso

Maria Milley Santos  
Coord. de Relações Culturais  
Secretaria Municipal de Cultura  
Prefeitura Municipal de Castanhal

**PARECER DO(A) PROFESSOR (A) ORIENTADOR (A)/SUPERVISOR (A) DA INTERVENIENTE** – Validação ou não das atividades propostas pela Concedente de Estágio.

A aluna demonstrou capacitação aos conhecimentos técnicos e práticos adquiridos no decorrer do curso para o desenvolvimento das atividades programadas durante o estágio. Demonstrou preocupação em apresentar um trabalho com qualidade. Transmisse suas ideias de forma clara e precisa, sem ambiguidade, tanto oralmente quanto por escrito com linguagem adequada. Obedeceu as normas de trabalho mostrando-se assídua e pontual. Apresentou-se organizada quer na abordagem das tarefas, quer adotando métodos de trabalho na execução das mesmas.

31 / 01 / 2019

Josiane de Souza Amorim.



Aqui eu encerrava, mas também recomeçava no novo capítulo. Em 2019, eu jurei pelo meu curso, mas mais ainda por mim, a assumir um compromisso de trabalhar com responsabilidade e dignamente, sempre na busca por um ideal igualitário, levando a arte junto comigo para onde for, que nesse caso, é Belém, atualmente. E venho ano a após ano renovando esse juramento.

O próximo momento foi logo quando ministrei oficina na escola Príncipe da Paz, mas me deixa primeiro situar vocês em que momento ocorreu. Lembra daquele período que fiquei indo e vindo de Castanhal? Foi por volta de março de 2019. Ele finalmente acaba após três meses, já que não passei do período de experiência no trabalho que estava, mas que me foi muito útil enquanto durou, e que deu caminho para um outro momento, da qual veio a se tornar mais um dos meus galhos nessa grande árvore, que vocês veem se formar. Já que estava sem emprego, retorno a Belém e aparece a oportunidade de estagiar por 5 meses na escola EEEM Príncipe da Paz, em Ananindeua, na estrada do Curuçambá, pelo Programa Mais Educação, que tem como finalidade a maior permanência dos estudantes dentro da escola (Brasil, [2024]): “[...] melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental[...] e do desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer”. Então trabalhamos por 5 meses com esses alunos, entre agosto de 2019 a janeiro de 2020, onde retomo

meu contato com os jogos do Augusto Boal, principalmente como base o livro “200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro”. Aqui, vou tendo contato com a realidade das escolas.

Quando estamos na teoria, nos estudos e em espaços que têm recursos, podemos fantasiar que sempre vai ser assim, mas por muitas vezes, não temos um espaço adequado, não temos som, o chão com buracos, enfim, sem infraestrutura. Uma outra diferença que pude perceber é quando as pessoas querem fazer uma oficina e quando elas são obrigadas. Na minha primeira vez, todos se inscreveram na oficina, então se tornou uma escolha deles estarem ali; dessa vez, como era um programa pela escola, eles tinham que ir no contraturno do horário em que estudavam, então houve estranhamentos. Eles estavam ali forçados e sabemos que não gostamos de fazer nada forçado, com eles não seria diferente. Além disso, muitos ainda não tinham contato com o teatro, se mantinham num pensamento que era “pra que isso serviria?”. Tínhamos uma barreira ali a ser quebrada: como deixar que eles parassem de vir por obrigação e passassem a vir por querer?

Assim, a escolha foi por jogos de ação, onde eles pudessem brincar, pra ver que era algo legal. Estava em busca de conquistar eles, que eles perdessem esse medo da frente do palco, que pudessem trabalhar a timidez, que eles pudessem desenvolver a partir das brincadeiras, para que eles pudessem desassociar que o teatro era apenas algo que poderia acontecer em outros lugares ou para uma peça, que podia ser também na realidade, divertido.

Então apresento para eles o “Jogo do Pá-Patu-PatuPatu”, jogo aprendido com a Prof. Alana Lima, um jogo que brinca com a sonoridade e o foco, por meio da descontração, deixando os alunos mais à vontade e “quebrando o gelo”.

O jogo consiste em 3 comandos:

Quando falar a palavra “Pá”: mão na cabeça.

Quando falar a palavra “Patu”: mão na barriga.

Quando falar a palavra “Patu-Patu”: mão no joelho.

Eles precisam ir colocando suas mãos nos respectivos lugares em que a palavra do comando indicar. Eles podem começar querendo acertar, mas depois a brincadeira toma conta.

Esse período convivido com eles foi bem importante para mim. Perceber que com o passar do tempo eles iam realmente porque gostavam e não pela obrigação, mostra que tivemos um avanço, e acredito que ali, em pelo menos uma das pessoas que puderam participar, deixei bons momentos a serem recordados. Em mim, com certeza, deixou. Daqui pra frente, essa árvore já está com sua raiz bem forte, ao ponto de conseguir produzir alguns frutos.

### **ÁRVORE DO T.O COM AS EXPERIÊNCIAS**

Esse momento que irei relatar tem um grande impacto sobre mim, e quando eu consigo unir o T.O com temáticas sobre racismo – que é algo do qual eu sempre vou levantar bandeira, que vai comigo para onde eu for, pois eu sou uma mulher negra que sofre as consequências do racismo – quero usar da minha força, junto com os meus ideais, para combater o racismo.

O estágio obrigatório da graduação aconteceu na escola Waldemar Ribeiro<sup>3</sup>, mas a experiência de ministrar a oficina foi a partir da solicitação dos estagiários, para que os alunos não ficassem sem aula, na matéria de artes. Aqui falo de nós, pois tive a contribuição de meu amigo Rafael Rodrigues, que foi um suporte importante para criação do plano de aula para algumas aulas e em todo período do estágio, mas vou dar destaque para uma aula, com a turma da tarde do 802, da qual conseguimos trabalhar uma das técnicas do Augusto Boal, o Teatro Fórum. No primeiro momento explicamos quem foi esse cara, sua importância e contribuições e depois como funcionaria a dinâmica. Mas partimos de uma pergunta: “O que era urgente para eles?” como não poderíamos trabalhar mais de uma temática, por questão do tempo de aula, mas também não queríamos impor um tema sobre eles, partimos para votação. As sugestões de temas foram: violência, homofobia, exploração do trabalho, racismo, drogas, assédio e bullying. Entregamos papéis adesivos para os alunos pedindo que escrevessem porque aquele tema tinha que ser combatido e fomos instigando-os a partir de palavras indutoras, como: "o que para você

---

<sup>3</sup> Localizada na TV. D. Romualdo de seixas, cep 66055110 no bairro da Umarizal, no município de Belém

é mais urgente?" "Por que isso precisa ser combatido?" e em seguida eles deveriam colar no quadro.



O tema com mais votos- como está exposto na foto - foi o racismo, então seria com ele que iríamos trabalhar. Explicamos para os alunos as regras do Teatro do Oprimido: as cenas não poderiam acontecer em que o oprimido se torna o opressor, mas que precisávamos encontrar uma solução em que o opressor pudesse ser combatido, seja com leis, seja com a polícia, mas que não poderia se transformar em uma nova opressão.

O Teatro Fórum foi a técnica utilizada para desenvolver o trabalho deles. Escolhemos essa técnica, pois ela possibilita o pensamento coletivo e autônomo, pois todos ali poderiam assumir o papel na resolução



daquela situação-problema. E como demonstrado na foto, e por meio dessa conversa, fomos esclarecendo dúvidas e, em seguida, já dividimos a turma em grupos para se pensar em situações-problemas.

Por conta do tempo restante de aula, apenas dois grupos se apresentaram. O primeiro grupo, formado apenas de meninos, representou uma cena de racismo no campo de futebol, a partir do caso de racismo do Vinicius JR, muito visualizado nas mídias de comunicação naquele período.



No primeiro momento, houve vários comentários de como deveria ser resolvida a cena, e reforçamos que não poderia acontecer uma nova opressão. E, após debates entre eles, um dos alunos entrou em cena, assumiu o papel do juiz e deu um cartão vermelho, reforçando a mensagem de que racismo é crime e que ele precisa ser combatido.

No primeiro momento, houve vários comentários de como deveria ser resolvida a cena, e reforçamos que não poderia acontecer uma nova opressão. E, após debates entre eles, um dos alunos entrou em cena, assumiu o papel do juiz e deu um cartão vermelho, reforçando a mensagem de que racismo é crime e que ele precisa ser combatido.

Nossa próxima cena veio do grupo das meninas, uma cena que acontece no ambiente escolar, com o bullying e o racismo em evidência, onde estavam menosprezando a aluna por ela ser negra.



As  
cenas se  
desenrolam  
até o  
momento em  
que a  
situação-  
problema  
realmente se  
apresenta;  
então  
fazemos uma

pausa, e a turma é convidada a encontrar formas de resolver a cena. Nem sempre é fácil encontrar uma solução de imediato, e por isso nosso papel como mediadores é essencial. Precisamos estar atentos e oferecer caminhos, estimulando os alunos a desenvolverem o pensamento crítico.

Em uma dessas situações, uma aluna entrou em cena e tomou uma atitude em defesa da colega oprimida, confrontando as demais colegas e dizendo o quanto aquela atitude era errada,

afirmando que reportariam à professora. Esse tipo de intervenção é exatamente o que buscamos incentivar: que os alunos se reconheçam como agentes capazes de transformação.

Dependendo do espaço e da faixa etária dos participantes, as soluções podem ser diversas, pois cada pessoa traz consigo uma experiência de vida e um olhar único sobre o mundo. Em uma turma de pré-adolescentes, por exemplo, nosso objetivo era abrir possibilidades para novos olhares sobre situações que muitos ali já vivenciaram ou presenciaram, especialmente considerando que boa parte da turma era composta por pessoas negras e pardas.

Como destaca Augusto Boal: “não apenas usando a palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo ao qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprias inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo” (Boal, p. 16). Nesse sentido, mais do que resolver o problema na cena, queremos que eles exercitem a empatia, a reflexão e a criatividade, levando esse aprendizado para além do espaço teatral, como uma preparação para as escolhas e enfrentamentos da vida cotidiana.

## **ENEARTE**

O Teatro do Oprimido sempre foi a minha pesquisa, mesmo antes de saber o que era uma pesquisa. Sempre existiu uma identificação com as práticas desde 2017, mas reconheço esse amadurecimento quando participo do evento ENEARTE (Encontro Nacional de Estudantes da Arte) de 2023. Foi como um passo firmado ao que busco para minha vida: desenvolver técnicas a partir dos jogos para uma prática antirracista.

Percebo que tudo parte de um lugar, e sinto que a semente foi plantada lá em Belo Horizonte, onde o ENEARTE de 2023 aconteceu. Foi um lugar em que percebi a minha autonomia para desenvolver algo meu, pois anteriormente eu já estudava os jogos do Augusto Boal, já ministrava oficinas a partir das técnicas dele, mas elas funcionavam mais como uma replicação dos jogos do que um processo de desenvolvimento próprio.

Meu grande amigo Boal sempre deu a liberdade para desenvolver outras práticas para além das que ele reuniu. Ele, enquanto homem, hétero, branco e cis, não poderia falar das opressões vividas pelos negros, LGBTQIANP+, transsexuais e outros grupos de oprimidos.

Partindo da noção de escrevivência, aprendida com outra grande amiga e referência, Conceição Evaristo, busco falar das problemáticas do racismo e das minhas vivências como mulher negra de teatro. A escrevivência é minha metodologia de escrita, e a partir dela questiono: como, a partir dos jogos do Teatro do Oprimido, é possível combater o racismo que vivo? Afinal, quem mais além de uma pessoa negra pode compreender e refletir sobre o racismo e levantar a voz – e as práticas – diante das complexas realidades?

Então você pode estar se perguntando o que aconteceu nessa oficina, e indo um pouco na contramão do que meu amigo Boal diz, que devemos escolher um grupo para o qual queremos trabalhar, e no meu caso, se seriam as problemáticas acerca do racismo, eu deveria escolher apenas um núcleo de pessoas negras. Mas acredito que, para realmente combatermos, ela não deve estar apenas nas nossas mãos; ela deve ser feita por todos. Então a oficina era aberta ao público, que tinha como nome “O jogo teatral como caminho para o pensamento crítico”. Nesse momento da minha vida, a minha pesquisa não se limitava apenas aos jogos do Boal e muito menos só sobre racismo, mas algo mais amplo.

A forma como divido minhas oficinas é em 3 momentos: alongamentos/aquecimento, jogos/exercícios e escuta/avaliação. Esse método de aplicação de oficina é algo que sempre utilizei, pois consigo ver que funciona ao longo dos anos, apenas sendo trocada a finalidade do jogo – se é para trabalhar voz, timidez, confiança, e por assim vai.

Como nessa oficina eu não conhecia minhas alunas, tivemos um tempo para apresentações. Eu era única de fora do estado, e as participantes da oficina não eram, em sua maioria, participantes do evento. Como o evento ocorreu em 3 pontos distintos da cidade, as oficinas eram abertas para a comunidade e alunos de outros cursos da universidade. Isso formou um grupo que não tinha contato direto com o teatro ou as artes, proporcionando vivências muito mais abertas e afastando o lado teatral que talvez pudesse surgir se fosse uma turma predominantemente de artistas. Também contei um pouco sobre mim, sobre o que era a proposta

da oficina, e tivemos cerca de 8 mulheres, um número bom para trabalhar de forma adequada as técnicas e os jogos.

Como relatado acima, para iniciar, precisamos de um alongamento, para preparar o corpo para entrar em ação. Boal (2019, p. 15) diz: “Os jogos facilitam e obrigam a essa desmecanização,



sendo como são, diálogos sensórios onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é sua essência”. Então um corpo desmecanizado é um corpo ativo, um corpo pronto, e para isso se faz necessário prepará-lo.

Iniciamos com um aquecimento para desmecanização e para “desenvolver a capacidade expressiva do corpo” (Boal, p. 140), pois no nosso dia a dia acabamos por usar apenas a fala para nos expressarmos e nos esquecemos que temos um corpo que pode e quer falar também.

Após os comandos iniciais de alongamento do corpo, dou a indução de que elas são como uma semente, que estão nascendo e para isso estão no chão e têm que desabrochar até se tornarem uma grande flor ou, no caso, ficarem de pé. Mas esse processo leva um tempo, e elas precisam usar várias articulações para o desabrochar, usando esse corpo para o extra cotidiano, pois o corpo do cotidiano é um corpo que poupa energia, um corpo que faz os mesmos movimentos, um corpo travado, que se limita. O corpo, por muitas vezes, está adormecido, travado pela rotina mecanizada, e um corpo que fala é um corpo político, é um corpo ativo, é um corpo preparado para a ação.

Dessa forma, aprendi com Boal que devemos expressar com o corpo, algo que veio da palhaçaria e que eu agreguei para mim e minhas oficinas: devemos nos expor ao ridículo, sem medo, sem vergonha. Um corpo livre faz revolução.

Dando seguimento à oficina, apliquei um jogo que é bem usual nas minhas oficinas de iniciação teatral, quando busco estabelecer a confiança entre elas. Pois se eu quero trabalhar com problemáticas sociais, que possivelmente vão reverberar em algumas ou todas as pessoas, elas precisam se sentir confortáveis e seguras para participar e poder partilhar no final da aula.

### **1º Os quatro comandos**

Um jogo para dupla que deve ser revezado. A primeira pessoa da dupla tem que ficar de olhos fechados, enquanto a outra a guia pelo espaço, sem que ela bata nas outras duplas. Para isso, a pessoa condutora precisa transmitir confiança de que nada vai acontecer com sua dupla. Para a dupla andar pelo espaço, existem apenas quatro comandos. Esse jogo não pode ter fala.

#### **Comandos do jogo “Os quatro comandos”**

1. **Para andar:** toque nas costas.
2. **Para parar de andar:** toque na cabeça.
3. **Para virar para a esquerda:** toque no ombro esquerdo.
4. **Para virar para a direita:** toque no ombro direito.



Obs.: após iniciar a caminhada, o participante de olhos fechados não pode parar de andar, mesmo que vire para os lados, a não ser que ocorra o toque na cabeça. Você pode estabelecer níveis de velocidade – devagar, normal e rápido –, mas isso é

válido quando a oficina tem um tempo maior, para que a confiança já esteja mais estabelecida.

Um jogo simples, mas que requer muita entrega da dupla. Quem está de olhos fechados precisa se dispor a jogar, confiar no outro e não ficar com medo de andar pelo espaço, principalmente quando escuta que alguém pode estar próximo. Nesse momento, quem está guiando deve passar a confiança necessária para que a pessoa continue caminhando, quando ocorre a inversão dos papéis, e agora quem guia passa a ser guiado e o guiado tem a missão de guiar, as compreensões vão acontecendo. Quando estamos de olhos fechados, tudo nos dá muito medo; ficamos em alerta. Mas quem está guiando pode achar que é tranquilo estar naquela posição. Então, ao trocar de lugar, ele percebe como é difícil e que requer esforço mútuo.

O próximo momento foi conversar com elas sobre as técnicas do Boal. Como nosso tempo era relativamente curto, tínhamos apenas 2 horas, escolhi trabalhar com o Teatro Imagem, juntamente com brincadeiras. Partimos para a experimentação, deixando como indução as problemáticas sociais, e os temas que surgiram foram: violência doméstica, intolerância religiosa e desigualdade social.

Antes de iniciarmos de forma prática o Teatro Imagem, partimos para uma conversa para explicar quem foi Augusto Boal, quais eram suas técnicas e sua finalidade. Assim, você que está acompanhando também fica por dentro. Augusto Boal (1931-2009) foi dramaturgo, escritor, vereador e transformou o teatro. Suas técnicas têm até hoje grande importância para o Brasil e para o mundo, pois possibilitam a todos a participação.

Seus jogos consistiam em trabalhar o indivíduo que luta em coletivo, dando aos oprimidos possibilidades de aprender a levantar sua voz. Pois, se nunca nos deixaram falar, também nunca conseguimos desenvolver a fala. Com o Teatro Imagem aprendemos a falar com o corpo, e no Teatro Fórum temos a voz e o corpo unidos para expor nossas opressões.

Nessa oficina, trabalhei alguns jogos/brincadeiras com o Teatro Imagem do Boal, mesclando-os.

### **Super Gêmeos, Ativar!**

O primeiro jogo foi o do “Super Gêmeos Ativar”. Ele vem a partir de uma referência de um desenho dos anos 70: para ativar seus superpoderes, os participantes precisam unir suas forças. Um jogo que pode ser trabalhado em duplas, trios ou grandes grupos.



De forma simples, o comando é: “Super Gêmeos, ativar! Forma de uma...” e você escolhe no que vai se transformar, como, por exemplo, bicicleta. A pessoa ou as pessoas têm a missão de, com o corpo, representar a bicicleta. Lembrando que, se a palavra escolhida for “bicicleta”, não se pode representar uma pessoa andando nela, mas sim a imagem da bicicleta, para que o restante da equipe visualize a imagem. Se o jogo for feito com mais pessoas, cada uma vai completando a imagem. Por exemplo: “Super Gêmeos, ativar! Forma de um jogo de futebol”. Cada pessoa se torna parte daquela imagem: uma se torna a bola, outra o jogador, a grama e assim sucessivamente. Isso possibilita, de forma prática, inserir o conceito da Imagem que Boal traz, junto da brincadeira.

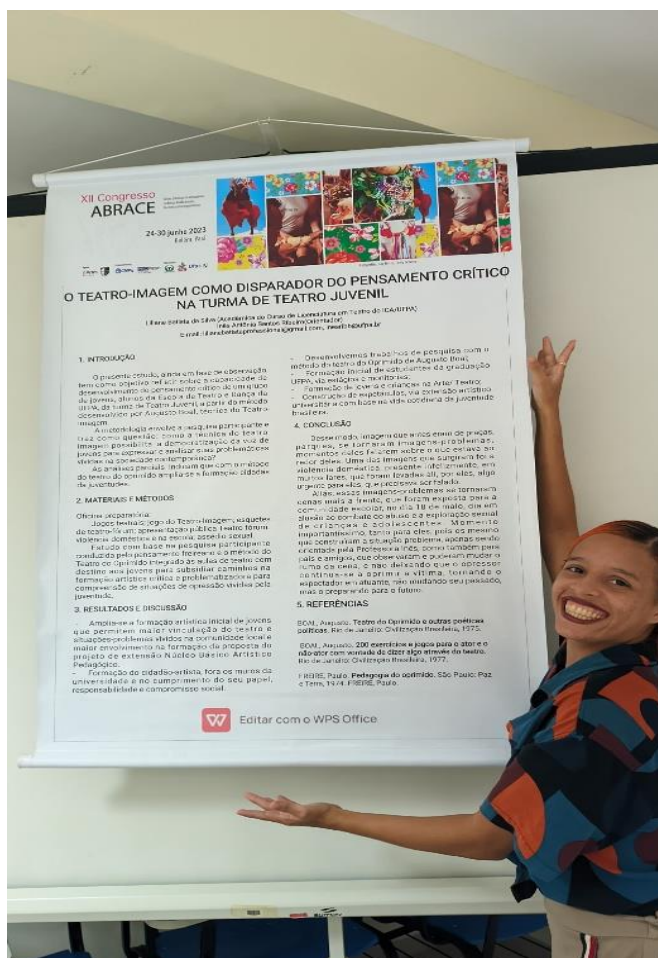
Nesse momento, não dou indução sobre alguma temática; deixo livre para que as participantes tragam assuntos relevantes ou não, mas que queiram explorar para além da voz. Fazemos algumas rodadas para que se familiarizem com a dinâmica, pois a oficina tem um crescente, e para que a segunda etapa seja bem-sucedida, a primeira precisa estar bem estruturada.

### Jogo Marinheiros do Além-Mar

Este é um dos jogos que aprendi enquanto voluntária e, mais à frente, estagiária no Projeto de Extensão Núcleo Artístico-Pedagógico, que acontece na ETDUFPA, à tarde, com a professora Ines Ribeiro. Quero registrar aqui minha gratidão à professora por todo o conhecimento que me ofereceu. A pesquisa com Augusto Boal começou no meu curso técnico, mas na universidade encontrei esta referência, que me proporcionou muitos aprendizados e vivências práticas. Nessa foto temos A educadora de Estágio Patrícia, eu, os alunos do Teatro Juvenil e a Educadora Ines Ribeiro.

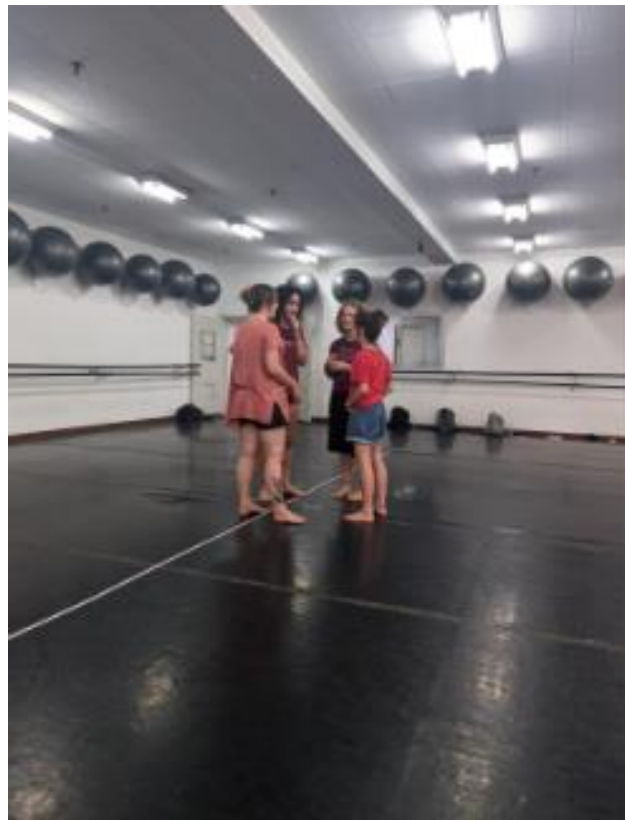


Nossa parceria durante esse período me possibilitou apresentar minha pesquisa no congresso da Abrace, com o tema: “O Teatro-Imagem como disparador do pensamento crítico na turma de teatro juvenil”. Foi a partir dessas experiências e dessa escrita que pude me preparar muito melhor para o ENEARTE.



Mas retornando, em uma das aulas ela passou esse jogo e eu o utilizei aplicando a técnica do Teatro Imagem.

O jogo começa com as equipes divididas, um em cada lado do espaço, eles escolhem um tema entre sua equipe e formam a imagem, o grupo adversário tem que adivinhar sobre qual problemática aquela imagem está contando. Temos no meio à divisão, que separa esses times. Cada time tem a sua fala para instigar.



**Grupo 1:** “somos marinheiros e viemos do além-mar”

**Grupo 2:** “E o que vieram fazer?”

**Grupo 1:** “viemos batalhar”

**Grupo 2:** “Então batalha que eu quero ver.”



Após esse momento de tensão, um dos grupos fica com a função de adivinhar a imagem do outro, se eles adivinharem, o grupo precisa correr para um determinado local para ser salvo ou a equipe marca ponto se conseguir pegar eles antes de chegarem.

Para facilitar a visualização do jogo, disponibilizei a gravação do jogo no dia da oficina em Belo Horizonte que ocorreu no ENEARTE de 2023.



Aqui unimos a brincadeira com o Teatro Imagem, para abrir o debate e gerar uma conversa sobre o que nos incomoda. Os temas que surgiram vieram das participantes; então, o

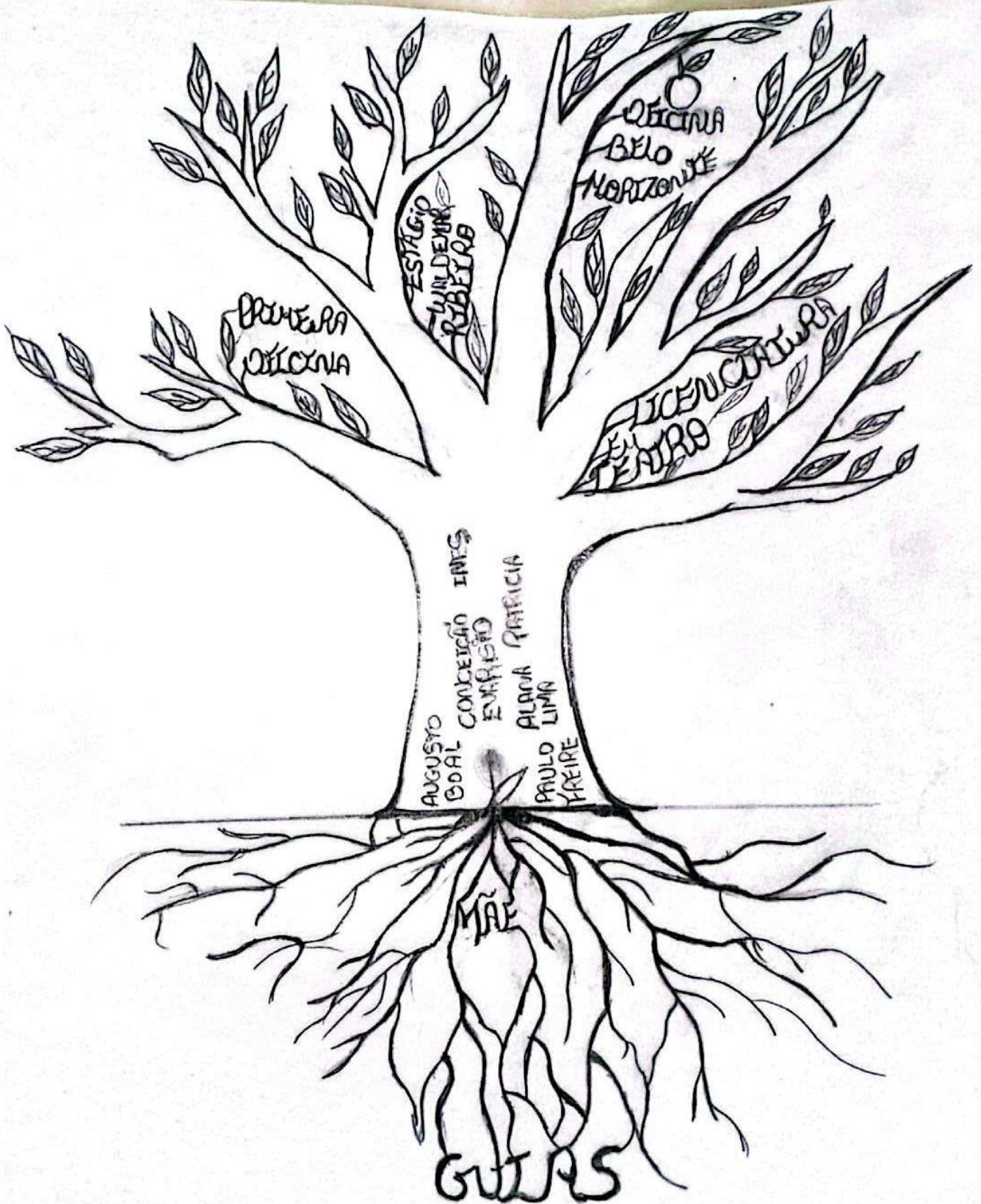
que para elas era urgente, era o que precisava ser falado e exposto. Para mim, debater sobre o racismo é urgente. Existe mais de uma forma de iniciar um debate; esta é uma, onde consigo unir a brincadeira, o jogo, com assuntos de urgência.

Fizemos uma rodada de Teatro Fórum e finalizamos com uma roda de conversa para saber o que elas tinham achado da oficina, o que sentiram, o que gostaram e o que não gostaram. Foi relatado que elas não conheciam essa técnica, mas acharam de grande importância. Uma delas disse que a abordagem sobre as temáticas é bem tranquila e não acontece a partir de uma imposição, e que debates como esses são necessários.

Sou grata a essas meninas, que me ajudaram a construir algo tão lindo e importante para mim. A troca foi incrível. O regar aqui foi coletivo. Muito obrigada, meninas.



Boal em seu livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, tinha a sua árvore do Oprimido, onde ele demonstra como era a estrutura a partir de suas técnicas. Como eu também fui moldada por ele, resolvi fazer a minha **árvore da esperança**.



Na imagem, tem alguns nomes de pessoas e lugares que passaram e me alimentaram

para que eu fosse uma mulher-árvore. Sendo esses: **Guias** que me acompanham, minha maravilhosa **Mãe Raimunda Fortunato da Silva, Augusto Boal, Paulo Freire, Conceição Evaristo, Ines Ribeiro, Patrícia Grigoletto, Alana Lima**. E os lugares foram a primeira oficina, estagio **Waldemar Ribeiro, a Licenciatura em Teatro** e a **oficina que ministrei em Belo Horizonte**.

Existem muitos mais momentos que os aqui relatados, que foram importantes e marcantes em minha trajetória, formando cada galho, folha e raiz. Mas trago para evidência estes, que vocês, agora também, meus amigos, puderam observar. Como cada autor, professor, aluno e pessoa por quem passei foi me alimentando e tornando-se responsável pelo meu eu-árvore.

## CONCLUSÃO

Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

– Paulo Freire

Encerrar esse trabalho é, para mim, mais um recomeço. Ao longo dessas páginas, mergulhei nas minhas memórias, nas minhas raízes e nos muitos galhos que foram se abrindo ao longo da caminhada. O Teatro do Oprimido não é apenas uma técnica que estudo: é a maneira como enxergo o mundo, como desejo me relacionar com as pessoas e como compreendo o ato de educar. Ele me deu ferramentas para transformar dor em potência, silêncio em voz, opressão em consciência, tanto a minha como a das pessoas que passo pela vida. Percebo que esse trabalho não foi construído em seis meses, nem em um ano, mas desde que escolho o Teatro, e ele segue para além dessas páginas, para além das letras, mas na minha vida.

Compreendo hoje que educar, para mim, é um ato de escuta, afeto e compromisso. Ser educadora é uma fórmula contínua, um círculo que se alimenta e cresce a cada nova vivência, se colocando disponível a cada novo encontro e à transformação. Nas oficinas que ministrei, tanto no curso técnico quanto na licenciatura e nos estágios, percebi que o teatro pode ser um espaço seguro para o outro ser quem é, ao mesmo tempo em que se transforma.

A escrevivência me permitiu assumir minha própria história como pesquisa. Hoje entendo que escrevo a partir da vida. Me reconhecer enquanto educadora e pesquisadora foi um

processo que só foi possível porque outras mãos me regaram, me sustentaram, me acolheram. E agora, com o amadurecimento de minha caminhada, sei que também me torno adubo para que outras sementes possam germinar.

A experiência vivida no ENEARTE 2023 foi um divisor de águas: ali deixei de apenas replicar os jogos do Boal e passei a criar, transformar, colorir a roda com as minhas próprias tintas. Percebo que não quero usar o teatro só para apontar o racismo existente, mas sim como força e arma, atrelada ao afeto que pode ser gerado a partir do coletivo. É nesse lugar que me firmo, como educadora e artista comprometida com uma prática antirracista, libertadora e viva.

Como nos ensina Paulo Freire (1979, p. 16), “o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico.” Meu trabalho, portanto, não se limita a relatar uma prática, mas se compromete com essa utopia possível: denunciar o racismo, o silenciamento, a desigualdade, mas, para além dele, anunciar novas formas de se educar, de existir, de resistir.

Quando fiz meu juramento na formatura do técnico, assumi um compromisso. Sinto que aqui é uma renovação dele, enquanto profissional, mas também no pessoal: dizer, continuo aqui, minha pesquisa não para; ela está para além desse curso, atrelada à minha vida. Eu continuo a seguir utilizando as técnicas, não apenas para evidenciar o racismo, mas como, a partir do afeto e do coletivo, podemos mudar a perspectiva ao nosso redor.

Espero que esse trabalho não seja lido apenas como uma exigência de final de curso, mas como uma partilha. Que ele possa ecoar em outras histórias, inspirar outros caminhos e fortalecer a certeza de que o teatro, especialmente o teatro feito com e para os oprimidos, é uma ferramenta poderosa de transformação social.

Se a árvore da esperança continua crescendo, é porque segue sendo cuidada com amor, resistência e consciência. E que ela continue frutificando em outras vidas, em outras cenas, em outras salas de aula.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 [1931].

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 07 de agosto de 2025.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização de Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes; Thayane da Silva Venâncio. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. *Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.